

O caminhão de mudanças vermelho
dramaturgia de Francisco Ohana
a partir do conto homônimo de John Cheever

PRIMEIRO ATO

Cena 1

Amora – *(gritando)* Volta! Volta! Volta pra mim, Gee-Gee! A ser o que você era!

Cena 2

Marta – *(sorridente e simpática)* A vida aqui em B. é de um conforto e tranquilidade sem precedentes. É feita exclusivamente para os afortunados. Aqui, os aflitos, os desanimados e os pobres são incapazes de subir a íngreme estrada moral que age como uma defesa natural. Se um habitante é contaminado pela infelicidade ou pela insatisfação, no mesmo instante se muda para as planícies. Aqui em B., as donas de casa beijam os maridos com carinho pela manhã e com paixão à noite. Existe amor, gentileza, e grandes esperanças.

Ouve-se o barulho de um caminhão de mudanças.

Cena 3

Marta – Aquilo parece Jacarandá legítimo, embora seja difícil de dizer com certeza no escuro. Parecem boa gente. Você acha que eles vão gostar de flores? Talvez a gente possa convidá-los para beber algo. Acha que vão aceitar uma bebida? Que tal ir lá perguntar se eles aceitam uma bebida?

Charlie – Quem sabe amanhã?

Marta – Devem vir de longe.

Charlie – Como?

Marta – Pela hora que chegaram.

Charlie – A estrada não está boa.

Marta – Mesmo assim.

Marta – Queria ter algo pra levar de presente, fazer com que se sintam em casa.

Charlie – Será que fizeram uma boa oferta? A casa ficou três meses vazia.

Marta – Boa oferta? Não é muito difícil por aqui.

Cena 4

Amora – (*constrangida*) Nos mudamos oito vezes nos últimos oito anos. E ninguém nunca veio nos dar tchau.

Marta – Nenhuma alma sequer?

Amora – Nenhuma. Até o lixeiro gostou de nos ver indo embora da última vez.

Charlie – Mas um casal tão simpático, não é todo dia!

Marta – Não mesmo.

Charlie – Que tal nossos antigos vizinhos, querida?

Marta – Nem me fale, Charlie. Nem me fale.

Os três sorriem.

Amora – É muita gentileza. Mas devo confessar que meu marido é mesmo adorável. Ele era um homem lindo quando o conheci, o cara mais bonito, forte e generoso que todo mundo já tinha visto. Chamavam ele de Deus Grego na faculdade. E foi eleito duas

vezes entre os melhores atletas do país, mas nunca jogou por dinheiro – só por coração. Todos adoravam ele.

Charlie – *(para Gee-Gee)* Verdade? *(Gee-Gee não responde.)* E você, Marta me achava um Deus Grego também?

Marta – Ora, Charlie!

Os três dão uma gargalhada prolongada.

Marta – Pois, olha: eu acho que poucas mulheres chegaram a conhecer um amor desse tipo.

Gee-Gee, que estava alheio, de repente interrompe a conversa com uma voz arrastada, monocórdia e repelente.

Gee-Gee – Meu Deus, como vocês são fúteis.

Amora – Oh não Gee-Gee. Não na primeira noite!

Charlie – Você bebeu demais.

Gee-Gee – Bebi uma ova. Mal comecei.

Amora – Por favor, Gee-Gee, por favor.

Gee-Gee – Tenho que ensinar pra eles, meu bem. Eles têm que aprender.

Amora – Ai, eu lamento tanto. Me sinto péssima com tudo isso.

Marta – Não se preocupe, querida!

Amora – Sempre que nos mudamos, acho que a troca de ares vai fazer bem a ele. Hoje à noite, tudo pareceu tão bonito e sossegado que pensei que algo poderia mudar.

Quando estávamos empacotando a louça lá na outra casa, ele ficou bêbado e eu... Mas ele não ouviu. Não me escutou. Já não escuta mais ninguém.

Gee-Gee tira as roupas.

Charlie – Saia daqui.

Gee-Gee – O prazer será todo meu, vizinho!

Charlie – Gee-Gee?

Gee-Gee se volta para Charlie.

Charlie – O que você está tentando nos ensinar?

Gee-Gee – Bando desgraçado de gente fútil.

Amora – Gee-Gee, vamos embora!

Gee-Gee – Não. Agora vamos botar um pouco de vitalidade nesta conversa, que tal?

Amora – Gee-Gee, por favor.

Gee-Gee – Preciso ensinar para eles.

Amora – Você não está ensinando nada a ninguém.

Gee-Gee – Eles têm que aprender.

Amora – Gee-Gee.

Gee-Gee – O quê?

Amora – Eles não vão aparecer para nos dar tchau. *(para o casal)* Bem, não precisam nos convidar de novo. Já sabem como é.

SEGUNDO ATO

Cena 1

Marta – E ela me contou que a performance é sempre a mesma. Que ele tira a roupa e os pratos sempre terminam quebrados. Que já mandou uma tigela de queijo para o teto com um pontapé. Que já praticou dança escocesa só de cueca e tacou fogo em cestos de lixo.

Charlie – Talvez eu possa fazer alguma coisa. São nossos vizinhos.

Marta – Coitada da Amora, punida dessa maneira.

Cena 2

Charlie – Gee-Gee.

Gee-Gee – O quê?

Charlie – Vai largar a bebida?

Gee-Gee – Não.

Charlie – Você larga a bebida se eu largar a bebida?

Gee-Gee – Não.

Charlie – Aceita ir a um psiquiatra?

Gee-Gee – Pra quê? Eu me conheço.

Charlie – Aceita ir a um psiquiatra se eu for junto com você?

Gee-Gee – Não.

Charlie – Aceita fazer qualquer coisa pra se ajudar?

Gee-Gee – Ah, Jesus!... Eu que tenho que ajudar vocês.

Ouve-se o barulho de um caminhão de mudanças.

TERCEIRO ATO

Cena 1

Gee-Gee – Entra! Não tinha nada melhor pra fazer?

Charlie – Que lugar é esse, Gee-Gee? Essa cidade parece uma colônia penal.

Gee-Gee – Não repare, a casa está uma bagunça.

Charlie – Fiquei sabendo que você se machucou.

Gee-Gee – Fraturei a bacia jogando futebol.

Charlie – Onde está Amora?

Gee-Gee – Viajando. Foi passar o natal com a família. Amora estava precisando de férias.

Charlie – E deixou você aqui sozinho?

Gee-Gee – Eu queria que ela fosse. Insisti. Eu gosto de ficar sozinho. Escuta, Charlie. Venha cá e prepare um drinque pra mim.

Charlie – Como?

Gee-Gee – É a única coisa que eu não consigo fazer.

Charlie prepara o drinque. Antes de entregar detém-se a observar o amigo, que está radiante.

Gee-Gee – *(com um sorriso angelical e ameaçador)* Obrigado.

Charlie – Você não tem como contratar uma enfermeira, achar alguém que lhe faça companhia?

Gee-Gee – Amora enviou uma carta. Está se divertindo a beça.

Charlie – Então você prefere ser abandonado nessa situação, sente necessidade de ser maltratado?

Gee-Gee – Qual é, Charlie!

Charlie – Está com fome?

Gee-Gee – Quando eu fico com fome, preparo um sanduíche. Não se preocupe comigo. Tenho meu anjo da guarda.

Charlie – É o que todo mundo pensa.

Gee-Gee – Ah, mas eu tenho! Eu consigo escutar vindo de algum lugar inóspito dentro de mim o som de uma corneta distante anunciando como e quando eu morrerei. Escuta uma coisa, Charlie: eu sou um partidário dos ineptos, dos pobres, dos doentes, de todos os que vivem suas vidas na dor e no sofrimento sem ter culpa disso. É o que eu tenho pra dizer aos felizes, ricos e bem-nascidos: que mesmo com todos os seus afetos, confortos e privilégios, não serão poupados dos surtos de raiva e do desejo, nem das agonias da morte.

Charlie – Mas é necessário que todos sofram por isso?

Gee-Gee – Você nunca vai saber, você é fútil demais.

Charlie – Bem, preciso ir.

Gee-Gee – Senta aí.

Charlie – Eu realmente preciso.

Gee-Gee – Senta aí e bebe mais uma comigo.

Gee-Gee caminha até Charlie e beija-o no rosto.

Charlie – Tenho uma longa viagem pela frente.

Cena 2

Charlie – E num pedaço estreito da estrada, o carro deslizou pro acostamento e eu tive que forçar o motor por dez minutos até conseguir voltar pra pista. Chovia muito e só um dos limpadores de para-brisa estava funcionando, a neve logo tapou o vidro. Levei mais de duas horas.

Marta – Descanse, querido.

Cena 3

Toca o telefone e Charlie atende, mas não fala nada, nenhuma respiração.

Gee-Gee – *(no telefone)* Charlie, Charlie, estou em sérios apuros, logo depois que você foi embora, eu caí. Levei duas horas pra alcançar o telefone. Você tem que vir pra cá. Não há mais ninguém. Você é meu único amigo. Charlie? Está me ouvindo? Levei quase duas malditas horas pra me arrastar até o telefone. Você tem que me ajudar. Ninguém mais fará isso. Charlie... Charlie...

A música sobe e encobre o que Gee-Gee está falando.

Cena 4

Charlie – *(com um copo na mão)* Levamos cargas inteiras e parciais aos lugares mais remotos... Me sinto péssimo com tudo isso. Tudo bem, eu podia ter voltado, poderia ter ido até lá. Mas talvez houvesse um pouco de malícia de bêbado nessa história toda, parece que Gee-Gee sente necessidade de sofrer. De mais a mais, teria sido impossível completar a viagem de volta, eu estava com as crianças, já disse. Cargas inteiras e parciais... E Marta, se ao menos ela estivesse em casa... Não? Bem, eu vou até aqui, meu velho. Só até aqui. Lamento por Gee-Gee, e Peaches é uma boa mulher. Estou me preocupando à toa. Tenho meu anjo da guarda. Ah! Mas eu tenho! Meu amigo só queria que estivéssemos preparados para o golpe, quando o golpe viesse. Mas isso, meu caro, isso você nunca vai entender. Você é fútil demais.

Marta – Você está bebendo demais, querido.

Charlie – O que eu bebo é problema meu e de mais ninguém, droga. Cuide dos seus problemas que eu cuido dos meus.

Amora entra e dá um beijo em Gee-Gee.

Amora *(sorridente)* – No chão, meu amor?

Charlie – Ora, ora. Está nevando de novo.

Marta sacode Charlie como que o chamando para voltar, voltar a ser quem era.